



Marcos Cordeiro Bueno¹
Bruno Emmanuel Santana da Silva²

RESUMO

Este trabalho é um relato de experiência sobre três eventos de capoeira organizados pelos grupos Roda Livre e Chapéu de Couro e trata sobre como re-significar a capoeira e no caso, um de seus elementos (batizado) explicitando a defesa de um projeto histórico de sociedade e desconstruindo práticas hierarquizadas tão comuns entre os mais diversos grupos de capoeira. O mesmo teve como pretensão contribuir com o processo de democratização do conhecimento produzido da capoeira em momentos de reconhecimento de novos capoeiristas, ou seja, nos batizados de capoeira e em nosso caso, nos Mangaios de Capoeira.

Palavras Chave: Capoeira; Mangaios; Projeto Histórico.

ABSTRACT

This work is an experience report on three events organized by “Grupo Capoeira Roda Livre e Chapéu de Couro and deals on how to re-signify the capoeira and in this case, one of its elements (“batizado”) explaining the defense of a project history society and deconstructing hierarchical practices so common among the most diverse groups of capoeira. The same intention was to contribute to the democratization of knowledge of the poultry produced in moments of recognition of new “capoeiristas”, or baptized in poultry and in our case, we Mangaio Capoeira.

Key words: Capoeira; Mangaios; History Project.

INTRODUÇÃO

A partir de uma análise das contribuições de diversas manifestações culturais populares no processo de formação integral do indivíduo, é possível afirmar que as mesmas ensejam valores e características que podem contribuir para o entendimento crítico das relações sociais construídas historicamente pelo homem a partir de ações concretas. O potencial educacional dessas manifestações reside, preponderantemente, no fato de que nas suas práticas cotidianas, muitos aspectos relevantes da condição humana são vivenciadas de forma criativa e espontânea.

A inserção da capoeira nas diversas instituições da sociedade organizada, inclusive nas universidades, vem promovendo uma ampla discussão em torno de suas possibilidades e

1 Professor Substituto do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia e do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Rio Grande – FURG; Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação Física da ESEF/UFPEL e membro do Grupo de Capoeira Roda Livre. E-mail: cangururiogrande@gmail.com

2 Professor Mestre do Curso de Educação Física da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI; Doutorando do Programa de Pós Graduação em Educação da UFSC e membro do Grupo de Capoeira Chapéu de Couro. E-mail: brunochapeudecouro@yahoo.com.br



perspectivas. Sendo assim acreditamos na capoeira enquanto um bem cultural, social e historicamente produzido, acumulado e praticado no contexto de determinadas relações sociais de produção da vida. Os trabalhadores da capoeira enquanto sujeitos históricos, constroem suas histórias, não somente conforme as suas vontades, mas conforme o grau de desenvolvimento das forças produtivas e o legado deixado pelos que os antecederam (TAFFAREL, 2005). Dessa maneira, entendemos as forças produtivas como base da história, sua forma de produção e sistemas de relações em que se estabelecem e é pela sua compreensão que vamos entender a história global da sociedade.

Partindo desta premissa e entendendo a capoeira como fenômeno inserido neste processo, apresentamos neste trabalho um relato de experiências sobre uma parte em destaque da cultura da capoeira, popularizada com o nome de “batizado”. No nosso caso buscamos romper com algumas “tradições³” da prática da capoeira que muitas vezes apontam um conservadorismo no sentido do estabelecimento de relações hierarquizadas e que legitimam as lutas de classes⁴.

Já a nossa experiência aqui relatada aponta para outra perspectiva de relações sociais, tanto no que diz respeito às “tradições” da capoeira quanto à defesa de um projeto histórico da sociedade que supere as lutas de classes.

O nosso entendimento sobre a capoeira tanto por nossa formação popular quanto por nossas vivências e estudos sobre a mesma nos indica que faz parte de sua metodologia de ensino a concretização de um evento “ápice”, no qual os indivíduos, praticantes desta modalidade, tendem a mostrar seu conhecimento produzido ao longo de um determinado período de aprendizagem. É deste momento que costumeiramente se utiliza pela maioria dos grupos de capoeira o nome de “Batizado”. Este acontece com o sentido de que a comunidade capoeirana reconheça determinado capoeirista como tal e, para que isto aconteça, geralmente este capoeirista joga com um mestre ou professor durante este evento. É este jogo que significa o batismo do/da capoeirista que a partir de então recebe uma graduação e é legitimado pelos demais como membro de determinado grupo de capoeira.⁵

3 Usamos o conceito de “tradição” como sinônimo do que acontecem nas práticas dos mais diversos grupos de capoeira, como o uso dos instrumentos, da cerimônia de batizado, além de disputas e competições entre os mesmos e principalmente a hierarquização dos conhecimentos “diplomados” na capoeira, na figura do Mestre de Capoeira. Sobre o assunto ver mais em SILVA, 2006.

4 MARX e ENGELS, 2006.

5 Este exemplo apresentado não acontece nos grupos de capoeira que reivindicam-se como “angoleiros”. Para saber mais sobre a “Capoeira Angola” ver mais em CAPOEIRA, 2000; ARAÚJO 2008.



Porém, muitos grupos de capoeira aproveitam deste momento construído historicamente (do evento) para lucrar de seus ‘discípulos’, quando não para tornar um evento cultural em única e exclusivamente esportivo.

Não foi o caso do chamado “Mangaios de Capoeira”. O mesmo construído em unidade por dois educadores de grupos de capoeira distintos (Roda Livre⁶ e Chapéu de Couro⁷), se propôs a promover a integração e o intercâmbio entre as crianças das comunidades do morro do mocotó e do morro do quilombo⁸, praticantes de capoeira de diversos grupos, educadores e pesquisadores no sentido de contribuir com o processo de democratização e socialização do conhecimento produzido em relação a esta manifestação da cultura afro-brasileira, além de valorizar o resgate da identidade afro descendente e da consciência de classe.

POR QUÊ, PRA QUÊ E PRA QUEM FOI CONSTRUÍDO OS MANGAIOS?

O termo Mangaio corresponde a produtos artesanais que são costumeiramente trocados nas feiras públicas de Recife – PE conhecidas como “Feira de Mangaio”, com objetivo de garantir a subsistência e a valorização dos saberes dos artesãos.

Nessa perspectiva de troca de experiências e de valorização da capoeira enquanto manifestação cultural originada dentro da classe dominada, é que optamos por esse nome “Mangaio” que melhor sintetizou nossas intenções metodológicas.

Em 2006 os dois professores de capoeira autores deste trabalho começaram a dar aulas de capoeira em Florianópolis, um no Centro de Educação Complementar do Itacorubi (CEC ITACORUBI) e outro na Associação dos Amigos da Casa da Criança e do Adolescente do Morro do Mocotó (ACAM).

O CEC é um programa de assistência social da Prefeitura de Florianópolis que atende, no período de contraturno escolar as crianças e adolescentes da comunidade do Itacorubi e principalmente do Morro do Quilombo com atividades de apoio pedagógico, educação física, dança, teatro, música e capoeira. (SOUZA, 2009)

6 Grupo Capoeira criado em Curitiba pelo Mestrando Mineiro e trazido para Florianópolis por um de seus discípulos, autor deste trabalho.

7 Grupo de Capoeira criado em Recife-PE pelo Mestre Corisco e trazido para Florianópolis por um de seus discípulos, autor deste trabalho.

8 Comunidades estas localizadas na região periférica de Florianópolis e distantes uma da outra, permeadas de falta de estrutura, saneamento básico, enfim, carências sociais.



A ACAM é uma ONG construída e mantida por instituições filantrópicas e atende, no período de contraturno escolar as crianças e adolescentes da comunidade do Morro do Mocotó com diversas atividades, inclusive com capoeira. (SILVA, et al, 2007)

As atividades de capoeira aconteceram no CEC entre março de 2006 e dezembro de 2009 e na ACAM de março de 2006 a dezembro de 2007.

Como este trabalho é apenas sobre os Mangaios de capoeira, a seguir apresentamos o “pra quê” de termos construído estes eventos e assim justificar o “por quê” dos mesmos.

Nossas intenções-objetivo com os Mangaios de capoeira foram de contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação à necessidade de organização da comunidade da capoeira, comunidades empobrecidas e educadores;

Estimular o desenvolvimento de pesquisas relacionadas com a capoeira em suas diversas abordagens;

Aprofundar o conhecimento e as reflexões sobre a capoeira, sua história e as novas perspectivas para a cidade de Florianópolis;

Difundir os trabalhos de capoeira realizados pelas diversas instituições de ensino;

Contribuir para elaboração de material didático-pedagógico infantil a partir das atividades desenvolvidas.

Na questão do compromisso político-pedagógico e metodológico para o evento e para a sistematização deste artigo, apontamos que as experiências de educação bem-sucedidas que conhecemos se sustentam, a partir do método Materialista Histórico e Dialético⁹ em pressupostos relativamente simples: um planejamento pedagógico organicamente concebido, a partir da cultura e da realidade local e regional onde as instituições estão inseridas, envolvendo a comunidade nesta discussão, na definição e na decisão sobre as prioridades. Além disso, educadores comprometidos e em parceria com a comunidade no enfrentamento das suas adversidades sociais, econômicas e culturais. A capoeira e a ação educativa tornam-se importantes na medida em que atendem às demandas da comunidade.

9 TRIVIÑOS, 1987.



DA EXPERIÊNCIA DO I MANGAIOS DE CAPOEIRA – 2006.

A primeira edição dos Mangaios de capoeira já foi registrada no artigo “*Capoeira: Outros Passos, Outras Gingas* (SILVA et al, 2007) e na Monografia “*A Capoeira como Possível Instrumento de Práxis Revolucionária no CEC Itacorubi*” (BUENO, 2009). Este evento também consta em nossos registros no formato de vídeo-tape e, para nós educadores dos distintos grupos, foi uma experiência única que marcou o pontapé inicial para a desconstrução de velhos paradigmas dogmatizados nos diversos grupos de capoeira pelo Brasil, além do enfoque declarado da defesa da construção da cultura da capoeira pautada no projeto histórico socialista.

O I MANGAIO DE CAPOEIRA, realizado entre 01 e 02 de dezembro de 2006, em Florianópolis, consolidou o processo de integração que vem sendo implementado pela Confraria Catarinense de Capoeira¹⁰, NEPEF/CDS/UFSC¹¹, Núcleo MOVER/CED/UFSC¹², ACAM e CEC [...] com diversos grupos de capoeira da cidade. Este evento mobilizou expressivo número de praticantes de capoeira, educadores, pesquisadores, crianças das comunidades empobrecidas e contribuiu para a democratização das relações entre grupos, abrindo possibilidades para novas formas de integração sócio-político-cultural (SILVA, et al, p. 107, 2007).

Nosso evento contou desde oficinas com mestres convidados, a confraternização das crianças dos dois grupos trocando experiências entre si no sentido único da re-significação da capoeira enquanto bem cultural e na valorização do conhecimento popularmente produzido. Além disso, contou com o I primeiro batizado das crianças do morro do quilombo (educandos e educandas do CEC Itacorubi), na qual foi consolidado o início e a permanência do grupo Roda Livre em Florianópolis-SC.

Quando falamos na desconstrução de velhos paradigmas dogmatizados nos diversos grupos de capoeira pelo Brasil, queremos apontar em forma de crítica que muitos grupos de capoeira da atualidade tendem, em um evento como o batizado de capoeira, apenas elevar o nome dos mestres e professores convidados, sendo que, em nosso entendimento, deveriam ser os

10 Entidade criada com o intuito de aglutinar educadores e praticantes de capoeira em geral dos diversos grupos de capoeira do estado de Santa Catarina afim de lutarem para a conquista de direitos e da valorização da capoeira enquanto patrimônio cultural.

11 Núcleo de Estudos pedagógicos em Educação Física do Centro de Desportos da UFSC.

12 Núcleo de Estudos sobre Educação Intercultural e Movimentos Sociais do Centro de Ciências da Educação da UFSC.



educandos e educandas em conjunto com os demais educadores (mestres e professores) que deveriam ser valorizados de forma mútua e horizontal. Trazemos esta ponderação por entendermos que a capoeira, se tratada com o objetivo da construção da práxis revolucionária¹³, não deve ser hierarquizada com relação apenas a ‘corda’ na cintura de cada discípulo, mas sim pela experiência dos mestres educadores e educadoras e pelo momento ápice de aprendizagem dos educandos e educandas, estabelecendo assim relações humanas pautadas na igualdade e não apenas pela transmissão dos conhecimentos produzidos.

Devemos contudo, sermos transparentes com relação a nossa pesquisa, apesar de sermos os mentores deste evento. As contradições que foram surgindo na medida em que batalhávamos pela construção do mesmo, nos serviram de aprendizagem no sentido de que o processo revolucionário é permanente (TROTSKI, 2007) e que por vezes somos/fomos obrigados a rebaixar nossas bandeiras, mas nunca sem perdermos de nosso horizonte nossos princípios.

Um exemplo disto é que para conseguirmos verbas para a concretização de nosso evento, em nosso projeto feito para angariar recursos para o I Mangaio de Capoeira, focamos como proposta, a característica de valorização e construção da “emancipação” e da “cidadania”.

A “emancipação” em nosso entendimento não se dará de outra forma a não ser pelo socialismo e, o conceito de “cidadania” é para nós, a intenção do capital de que a classe trabalhadora seja explorada a tal nível, que possa ter alguns benefícios que possuem a burguesia. Apesar disto, “cidadania” é um dos conceitos que mais dialogam atualmente com as autoridades políticas a nível municipal, estadual e federal. Para exemplificarmos melhor nossa defesa e autocrítica julgamos necessário compreender que:

Entender como o trato com a cultura possibilita a manutenção ou a superação do modo de produção capitalista, qual a sua contribuição para a manutenção do status quo vigente, e como a mesma pode ser utilizada como arma para a classe trabalhadora na sua luta contra o capital, é um desafio. O desenvolvimento cultural precisa auxiliar no processo de emancipação humana, para isso é urgente combater as teorias que irão dissociar a cultura das relações de produção, pois essas, ao contrário do que dizem, possuem um posicionamento político definido, qual seja, manter a ordem social do capital com a classe trabalhadora sob o julgo dessa relação social. [...] Essa análise da cultura no campo do marxismo já nos possibilita elencar diretrizes, orientações que demarcam a

13 A Práxis Revolucionária sempre esteve como princípio sulteador de objetivo de ensino através da capoeira em ambos os espaços educativos. Para melhor entender o que queremos dizer, consultar BUENO, 2009.



compreensão da cultura no campo da revolução social, como: a indissociabilidade da sua base material, a produção econômica; o caráter de classe que ela assume nesta sociedade; a ontologia do ser social como chave para a compreensão da cultura; a utilização da cultura como ferramenta para o processo revolucionário, e sua importância na constituição do homem enquanto ser genérico (TEIXEIRA, 2009, p. 49).

E foi com base neste ideal de constituição humanitária a nível de totalidade que realizamos este evento, não apenas entre dois grupos distintos que possuem afinidades político-ideológicas, mas principalmente pela construção cotidiana destes dois educadores que efetivamente de forma prática e concreta tentam construir outro projeto de educação, de capoeira e portanto de sociedade.

Nas palavras de Mestre Corisco, catedrático do grupo Chapéu de Couro, ao falar sobre os organizadores deste evento durante a abertura do mesmo, afirmou:

Eu acho que os meninos, é o primeiro evento que [...] tão realizando e eles estão dando um exemplo muito bonito. Embora formalmente né, o grupo a que cada um pertence tenha nomes distintos né, mas funcionalmente que é a parte principal da nossa existência, eles estão funcionando como uma grande unidade. Na verdade, eu considero eles duas pessoas de espiritualidade bem elevada pra idade que eles tem, mas uma coisa é a idade física e outra coisa é a idade espiritual e isso diferencia muito né, e eu to muito feliz. (Fala retirada da gravação em áudio e vídeo durante o primeiro dia do evento)

Passado o evento, nos voltamos para re-elaboração de nossos projetos de trabalho, avaliando nossos limites e avanços, focando na continuidade posterior de nosso ensino com a capoeira no CEC Itacorubi e ACAM para o ano de 2007.

O II Mangaio de Capoeira – 2007.

No dia 30 de novembro de 2007, em frente à Assembléia Legislativa de Santa Catarina¹⁴ teve início o II Mangaio de Capoeira. Assim como na primeira edição deste evento, nosso intuito foi o de promover o intercâmbio entre os conhecimentos de capoeira produzidos pelas crianças

14 O evento se iniciou neste local pelo fato de sua proximidade com o Morro do Mocotó, possibilitando assim a presença das crianças e adolescentes da ACAM na roda de abertura, se confraternizando com as crianças e adolescentes do Morro do Quilombo, CEC Itacorubi.



moradoras do Morro do Mocotó e do Quilombo, com ênfase na oportunidade de produção da consciência de classe e de valores voltados para a práxis revolucionária.

A diferença deste evento para o anterior diz respeito ao conteúdo político ideológico, que esteve muito mais presente nesta segunda edição.

O II Mangaio de Capoeira pela primeira vez em Florianópolis, fez um evento de capoeira declaradamente comunista, no qual todas as crianças, adolescentes e comunidade do Morro do Quilombo em geral puderam vislumbrar e ao mesmo tempo serem protagonistas de um momento simbolicamente voltado para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Simbólico, porque temos clareza que não basta apenas um evento como este, ou mesmo uma pedagogia revolucionária para a construção de uma sociedade socialista. Isto depende tanto das condições objetivas, quanto das subjetivas para a revolução (LENIN, 2005). Contudo, o levantamento das bandeiras do socialismo em conjunto com a prática pedagógica voltada para a construção da práxis revolucionária, em nosso entendimento, são alguns dos elementos constituintes das condições subjetivas para a revolução. Por essa razão não só foi válido nosso evento, como necessário para elevar a consciência de classe não só entre nossos educandos e educandas, mas entre todos os moradores e moradoras do Morro do Quilombo e Morro do Mocotó presentes no dia do evento.

Vale o destaque que neste trabalho estamos levantando as estratégias metodológicas elencando a capoeira como possível instrumento de práxis revolucionária e não afirmando esta com base apenas nas aparências dos diversos fatos acontecidos. Contudo sabemos que é na realidade concreta que nós seres humanos objetivamos o que nosso pensamento almeja e, sendo assim, a intenção dos educadores neste evento foi o de ousar na defesa da construção por parte de nós trabalhadores, pais, mães e responsáveis destes educandos do CEC Itacorubi e da ACAM de nossa união para a abertura da possibilidade de estabelecermos relações humanas justas e igualitárias promovendo assim a alternativa socialista em caráter simbólico.

A nossa ferramenta principal de trabalho para o ensino da capoeira é o Berimbau. As ferramentas que simbolizaram a união dos trabalhadores do campo (foice) com os operários (martelo) constituíram o símbolo do comunismo no século XX. A união destes instrumentos de trabalho com o berimbau ficou estampado nos cartazes e camisetas distribuídos para as crianças e educadores que participaram do evento. A intenção foi de reafirmar o símbolo do comunismo de maneira a também dialogar com os capoeiristas formando assim um “berimbau-foice-martelo”, ou mais um exemplo simbólico de união da classe trabalhadora.



O símbolo foi o pontapé para o nosso diálogo, porém a prática concreta é que reforçou os nossos ideais.

Para o último dia do evento, solicitamos aos pais e responsáveis da comunidade do Morro do Quilombo para que fizéssemos o evento na rua, em um platô na parte mais alta do morro e os mesmos não só concordaram com a idéia, como também arrumaram o espaço para o evento antes mesmo de o dia certo chegar.

Subimos o morro com os nossos berimbaus vermelhos, cor esta que simboliza a luta da classe trabalhadora e ao mesmo tempo a defesa do socialismo, e nos deparamos com um local aberto, de chão batido (barro seco) com um sol escaldante e cerca de 50 crianças para participar do Batizado e das trocas de corda, pelo grupo Roda Livre.

Logo que chegamos pudemos perceber que alguns moradores da comunidade haviam feito um “telhado” pequeno para proteger os tocadores dos instrumentos da capoeira do sol. Porém, às quatorze horas do dia 02 do mês de dezembro o sol era de “rachar” e logo no início do evento intuímos que o mesmo não teria uma alegria contagiante como foi no ano anterior por conta da força do sol.

Mas na mesma hora em que os pais perceberam isto, logo apareceram com uma lona bem grande, alguns pedaços de arame, martelo, pregos e alicate, e fizeram uma espécie de “abrigo” para todos nós que ali estávamos garantindo assim a alegria em nossa roda.

É muito importante dizer que no início da tarde fizemos uma fala com todos que estavam presentes sobre o nosso entendimento de sociedade e porque defendemos e tentamos construir com as crianças uma prática pedagógica socialista pautada principalmente nos valores revolucionários da práxis. E foi a partir desta fala que houve esta mobilização por parte dos pais das crianças para construção do “abrigo” do sol.

Ao fim do dia os moradores da comunidade montaram uma mesa de lanche para todos que estavam presentes, fechando assim com muita alegria, humildade e dignidade o II Mangaio de Capoeira, evento este que em nossa análise destacamos como sendo o que mais nos aproximou concretamente e pedagogicamente do que entendemos por práxis revolucionária.

O III MANGAIO DE CAPOEIRA – 2008.

Para o relato da terceira edição do evento, não vemos como necessidade repetir os registros do que também aconteceu nas edições anteriores, mas as reviravoltas para a construção



do mesmo e o processo de consciência evidenciado nesta edição é válido para fundamentar qual ideal de evento de capoeira, da capoeira e da sociedade buscamos construir.

Nesta terceira edição, o Mangaio de Capoeira não mais contou com as crianças do Morro do Mocotó. Um dos autores deste artigo que era responsável pela construção do evento por parte da ACAM não mais estava trabalhando na mesma, porém encontra-se desde essa época até os dias atuais no trabalho como professor universitário da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

Como a disciplina que o mesmo ministra na universidade é voltada para o estágio em escolas públicas da região de Itajaí, planejamos o primeiro dia de nosso evento para viajarmos até a UNIVALI (na cidade de Itajaí) para a troca de experiências entre nossas crianças e adolescentes com os educandos e educandas de algumas escolas desta cidade, na qual o professor supervisiona os estágios.

A maioria das crianças do CEC Itacorubi nunca haviam feito uma viagem tão longa quanto essa – de Florianópolis para Itajaí. No meio do caminho para o evento, um comentário de uma de nossas crianças nos chamou muita atenção, ao observar os campos de criação de gado enormes que beiram as margens da BR – 101 na cidade de Tijucas, caminho para Itajaí: “Nossa quanto espaço *reto* e *vazio*. Por que a gente não pode morar aqui que tem tanto espaço, ao invés de ficarmos no alto do morro? Os bois precisam de todo esse espaço pra morar? E a gente?” (Adolescente do CEC, 12 anos) [grifos nossos]

A fala desta adolescente nos remete a nossa prática cotidiana e a construção de consciência de classe. É claro que há toda uma conjuntura que explica o fato do inchaço populacional nas capitais, do incentivo a produção de gado para o agronegócio e do não compromisso do Estado com a Reforma Agrária e Urbana. Porém essa consciência reivindicatória¹⁵ desta adolescente é no mínimo, um sinal que nossa prática não tem sido em vão, ao menos no sentido da formação humana, crítica e, no caso, reivindicatória. Após a fala da mesma, outras crianças complementaram reparando na quantidade de bois e de espaço para os mesmos. A nosso ver, só esse momento já valeu a viagem, no que diz respeito aos nossos objetivos.

No meio do caminho, recebemos uma forte chuva, que congestionou a estrada e nos fez chegarmos atrasados em Itajaí. Quando chegamos percebemos que a chuva não parava e, por

15 Ver mais sobre em IASI, 1999.



essa razão, as crianças da cidade local foram dispensadas das aulas e nossa proposta de troca de experiências entre todos ficou prejudicada, pois as mesmas não puderam ir para o evento.

Apesar disso, nossas crianças aproveitaram os vários professores de capoeira que estavam presentes no evento e foram brindadas com oficinas de capoeira ministradas pelos mesmos, voltadas para a brincadeira, o lazer lúdico. Findadas as oficinas, fizemos uma roda com muita alegria e água, pois a chuva não parava.

Entramos no ônibus para voltar, pegamos mais chuva e congestionamento, chegando atrasados em Florianópolis e só posteriormente ficamos sabendo que aquela chuva que tomamos havia alagado todas as cidades do entorno de Itajaí, principalmente a própria cidade. Vale a reflexão aqui de que se os Governos Federal, Estadual e Municipal, efetivamente se preocupassem com a segurança e com os demais direitos da população, esta situação poderia ter sido muito minimizada, porém a prática dos mesmos é sempre voltada para os interesses do capital.

O segundo dia de nosso evento aconteceu uma semana depois de nossa viagem para Itajaí, em virtude de não termos sido nós quem escolhemos o dia para a viagem, mas sim a prefeitura de Florianópolis que disponibilizou os ônibus.

Para o dia do Batizado sempre optamos por fazê-lo em um fim de semana, para que os pais de nossos educandos e educandas pudessem ter mais condições de participarem, uma vez que são todos pertencentes à classe trabalhadora, dificultando assim sua presença em outros dias que não estes (sábados ou domingos).

Neste ano nossa comunicação com os pais do Morro do Quilombo não foi tão desejável como nos anos anteriores, em virtude de nossas outras prioridades ao longo do ano que impossibilitaram um contato mais próximo com os mesmos. Por essa razão optamos por realizar a parte principal do evento na nova sede do CEC Itacorubi, com a exceção apenas de uma roda feita no alto do Morro do Quilombo na parte da manhã do dia do evento.

No período da tarde realizamos as apresentações culturais¹⁶ organizadas pelas crianças do CEC quebrando assim o “gelo” do evento e dando início ao mesmo.

Seguimos a mesma ordem dos anos anteriores, porém apenas com uma diferença que renovou a identificação de nosso trabalho com a construção do projeto de sociedade socialista: Além da cor vermelha da camiseta, a mensagem na mesma foi “*Da Vadição a Conscientização*”

16 Ver mais em BUENO, 2009.



Revolucionária” abrindo assim a possibilidade para os pais presentes de dialogarmos no sentido da defesa de nosso projeto, explicando o que entendíamos por *vadição* e sobre a *conscientização revolucionária*.

*Vadição*¹⁷ nos remete a forma como tratamos o jogo da capoeira, não no sentido pejorativo da palavra, mas no sentido da brincadeira e da identificação com os capoeiristas da época do fim do século XIX que eram chamados desta forma por transparecerem em suas vidas a resistência e a luta pela mudança de suas condições sociais.

Conscientização Revolucionária foi o termo que escolhemos para explicarmos nossas intenções acerca da construção do projeto histórico socialista, tratando nossa unidade educativa (CEC) com o mesmo sentido que PISTRAX trata o papel da escola, quando nos diz que “A revolução e a escola devem agir paralelamente, porque a escola é a arma ideológica da revolução” (p. 30, 2003).

Contudo, nos vale a ressalva que este foi um evento menor, realizado com mais dificuldades devido aos nossos problemas pessoais e nossa atuação militante em outros espaços de luta (MEEF¹⁸, Sindicato e Conselho Comunitário). Foi menor no sentido da quantidade de participantes, de professores e mestres e pelo pouco diálogo com a comunidade capoeirana para a participação em nosso evento. Porém, garantiu a mensagem de nossos objetivos, pautada na construção da práxis revolucionária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização das edições dos Mangaios de Capoeira, consolidou o processo de divulgação e dinamização da capoeira, uma manifestação cultural que vem adquirindo expressiva visibilidade e despertando curiosidade de educadores, líderes comunitários, pesquisadores e interessados de todo o estado e de outras regiões do País abrindo possibilidades para novas formas de fomentar cultura numa perspectiva de formação crítica para a vida e para outro projeto de sociedade.

Temos clareza da vulnerabilidade de nossa proposta em se tratando da condição de classe de nossos educandos e educandas dos diversos espaços de atuação (CEC, ACAM, Itajaí). Mas todo nosso processo de ensino-aprendizagem ao longo destes anos nos aponta que sim, dentro de

17 Este termo aparece na lei que proíbe à prática da capoeira em todo o Brasil, que só foi revogada a partir da década de 1930, com o início do ensino das aulas de capoeira na academias. Ver mais em CAPOEIRA, 2000.

18 Movimento Estudantil de Educação Física – MEEF.



espaços educacionais e possível e necessário não só ensinar a capoeira, mas propô-la numa perspectiva classista e crítica.

Os Mangaios foram/são apenas parte de nossa metodologia de ensino e, com este relato, socializamos não só para a comunidade capoeirana enquanto movimento social em fase de organização, mas para toda a comunidade científica da Educação Física, que podemos nos utilizar da capoeira aproveitando o elemento de resistência que reside em sua construção aliado a desconstrução de dogmas e hierarquias, tão presentes em espaços da capoeira, como os “batizados”.

Por fim deixamos apenas a reflexão que este é só mais um recorte de um trabalho que ainda está em processo e que já se consolida tanto no avanço de nossa formação – hoje um de nós encontra-se no mestrado e outro no doutorado – como na luta por uma capoeira dotada de sentido para seus praticantes, direitos para seus trabalhadores (Professores e Mestres) e a defesa de um projeto histórico que supere as contradições tanto de nossa prática cultural, quanto de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, B. C. L. C. **A Capoeira Na Sociedade Do Capital: A Docência Como Mercadoria-Chave Na Transformação Da Capoeira No Século XX.** (Dissertação). Centro de Ciências da Educação – UFSC, Florianópolis, SC, 2008.

BUENO, M. C. **A Capoeira Como Possível Instrumento de Práxis Revolucionária no CEC Itacorubi.** (Monografia). Centro de Desportos – UFSC, Florianópolis, 2009.

CAPOEIRA, N. **Fundamentos da Malícia.** 6º Edição, Rio de Janeiro: Record, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Editores Associados, 2º Edição, 2009.

FALCÃO, J. L. C. **A capoeira também educa.** Revista Sprint, Rio Janeiro, N° 54, p.34 a 38, 1991.

_____. **O Jogo da Capoeira em Jogo e a Construção da Práxis Capoeirana.** (Tese de Doutorado) Faculdade de Educação – UFBA, Salvador, BA, 2004.

IASI, M. **O Processo de Consciência.** São Paulo, 2º edição. 1999.

IASI, M. **Ensaio Sobre Consciência e Emancipação.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.



LENIN, V. **As Três Fontes**. 2º Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

_____. **O Trabalho Artesanal dos Economistas e a Organização dos Revolucionários**. In: BOGO, A. (org.) **Teoria da Organização Política I**. São Paulo: Expressão Popular, 2005

MARX K.. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Vol. I, Tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&M, 2006.

_____. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)**. 6º ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

PISTRAK. M. M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. 3º Edição, São Paulo: Editora Expressão Popular, 2003.

SILVA, B. E. S. **Menino, Qual é Teu Mestre? A Capoeira Pernambucana e as Representações Sociais de Seus Mestres**. (Dissertação de Mestrado). Centro de Desportos – UFSC, Florianópolis, SC, 2006.

SILVA, B. E. S.; ACORDI, L.; FALCÃO, J. L. C. **Capoeira e os Passos da Vida**. In: SILVA, A. M. e DAMIAMI, I.A. **Práticas Corporais**. Volume 3, Florianópolis: Editora Naemblu, 2005.

SILVA, B. E. S. et al. **Capoeira: Outros Passos, Outras Gingas**. In: FALCÃO, J. L. C.; SARAIVA, M. C. **Esporte e Lazer na Cidade**. Volume 1: Práticas Corporais Re-significadas. Florianópolis: Lagoa Editora, 2007.

SOUZA, R. M. **O Perfil das Famílias das Crianças e Adolescentes Inscritos no Centro de Educação Complementar (CEC) Itacorubi**. (Monografia) Centro Sócio-Econômico – UFSC, 2009.

TAFFAREL, C. N. Z. **Capoeira e Projeto Histórico**. In: SILVA, A. M. e DAMIAMI, I.A. **Práticas Corporais**. Volume 1, Florianópolis: Editora Naemblu, 2005.

TEIXEIRA, D. R. **A Necessidade Histórica Da Cultura Corporal: possibilidades emancipatórias em áreas de reforma agrária - MST/Bahia**. (Dissertação de Mestrado) Centro de Ciências da Educação – UFSC, 2009.

TRIVIÑOS. A. N. S. **Introdução à pesquisa e ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TROTSKI, L. **A Revolução Permanente**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

VASQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.